

ENTRE O AVÔ E O NETO: RELATOS CO-EDUCATIVOS

Cristiane Schmidt
Johannes Doll

Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS

1 Introduzindo o tema

As pessoas idosas constituem hoje um segmento da sociedade que vem adquirindo mais visibilidade em função da longevidade. Ao mesmo tempo, na esfera familiar evidencia-se uma pluralidade de configurações, como as famílias de idosos e as famílias com idosos. Outra característica marcante dessa diversidade é a família longeva, traduzindo-se como um fenômeno novo e apresentando a coexistência de várias gerações.

Nesse contexto, identificamos o convívio intergeracional como algo benéfico, que pode ser estimulado com a perspectiva de um enriquecimento mútuo, através da troca de afeto e conhecimentos e da abertura para o diálogo entre as gerações. Tal premissa é possível quando se lida com o diferente, não como algo ameaçador, mas enriquecedor.

Conforme Burbules; Rice (1993, p.188), no que tange ao diálogo entre as diferenças, fica claro que:

Três tipos possíveis de benefício podem ser obtidos a partir do diálogo entre as diferenças: aqueles relacionados à construção da identidade, ao longo de linhas que são mais flexíveis sem se tornar arbitrárias; aqueles relacionados com a ampliação de nossa compreensão de outros e, através disso, de nossa compreensão de nós mesmos; e aqueles relacionados a fortalecer práticas comunicativas mais razoáveis e sustentáveis.

No entanto, vivemos num mundo social que separa as gerações, definindo identidades etárias: crianças de um lado, adolescentes de outro, mais adiante adultos e jovens, e ainda mais além, as pessoas mais velhas.

Assim, pretendemos nesse relato apresentar algumas reflexões acerca das relações entre adolescentes e idosos no âmbito familiar, enquanto netos e avós, bem como do processo de co-educação entre as gerações.

De uma parte, essa escolha temática procede da vivência da pesquisadora enquanto educadora e do contato diário com diversas faixas etárias: crianças, adolescentes e idosos; e, de outra parte, da pesquisa de mestrado sobre as relações intergeracionais e o envelhecimento.

2 A adolescência e a velhice na sociedade contemporânea

A adolescência é o paradigma da separação que consiste no momento de passagem do mundo infantil para o mundo adulto e no qual se busca construir uma nova posição subjetiva. Até aquele momento o sujeito estava resguardado desse apelo dirigido a ele, visto sua infância ser protegida pelo Outro (seus próprios pais ou substitutos). Uma das tarefas centrais da adolescência é a independização, sendo que a mesma pressupõe que o adolescente “desvalorize” seus pais, pois assim sentirá que se afasta “sem perder muito”.

Desde o momento do nascimento, através do seu processo de desenvolvimento biopsicossocial, a criança começa a mostrar-se como um indivíduo, tendo seus desejos próprios e começando a descobrir – por oposição - que é independente da mãe. Isso vai se intensificando na adolescência, quando o adolescente trata de definir e constituir sua identidade, entre outras maneiras, pela oposição às idéias e valores dos pais.

Atualmente, percebe-se como concepção vigente sobre a adolescência uma etapa marcada por tormentos, conturbações, crises, enfim, um período ligado fortemente a estereótipos e estigmas.

São justamente esses estereótipos que caracterizam uma suposta síndrome normal da adolescência, na qual se enfatizam: a rebeldia, a instabilidade afetiva, a tendência grupal, as crises religiosas, as contradições, as crises de identidade.

Conforme Hohendorff (2004, p.265):

Psicologicamente a adolescência costuma ser compreendida como uma crise, um período de turbulência e acomodação do eu, a partir de causas externas ao psiquismo. É comum situar o seu início a partir de uma transformação fisiológica, a puberdade, e o seu término por uma transformação sociológica: ou seja, a entrada na vida social.

Essa concepção está relacionada com o próprio significado da palavra adolescência, cuja origem etimológica implica noções adversas: aptidão para crescer - no sentido físico e psíquico, e para adoecer - em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nessa faixa etária (OUTEIRAL, 1994, p. 6).

A adolescência pode, então, ser vista como um processo universal de troca entre as diversas instituições (família, escola, rede de amigos, meios de comunicação), das quais ele

recebe influência, às vezes desencontradas, de como deverá se comportar. Ou seja, ele percebe que a nossa cultura valoriza e espera que ele se case, constitua uma família e conquiste uma boa posição profissional.

Em se tratando do outro segmento social, atualmente é inquestionável o aumento do número de pessoas idosas se levarmos em conta os indicadores nacionais e internacionais. O contexto brasileiro, conforme os dados do IBGE de 2000 apresentam 8,6% da população total, com idade igual ou superior a 60 anos. Ou ainda que “cerca de 60% das pessoas idosas, definidas como aquelas com 60 anos de idade ou mais, vivem nos países em desenvolvimento, devendo atingir 75% em 2025” (FREITAS, 2004, p. 20).

Essa tendência é muito bem explicitada por Ferrigno (2003, p. 71): “O aumento da longevidade do ser humano é um fato histórico, inédito e planetário. Em praticamente todas as partes do mundo verifica-se um significativo envelhecimento das populações”.

A concepção de velhice, enquanto uma construção social está intrinsecamente ligada na dialética do biológico e do cultural. Isso remete a Simone de Beauvoir (1990, p.20), quando afirma que “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural”.

Nesse sentido, a sociedade atual, ao cultuar os valores da produtividade, da inovação, da juventude e do consumo, produziu uma imagem negativa de velhice e do envelhecimento, associado, freqüentemente, a algo ultrapassado, sem serventia e caracterizado com um processo contínuo de perdas físicas, psíquicas e sociais.

Portanto, cabem algumas indagações a respeito da construção do envelhecimento na sociedade marcada pelos valores acima mencionados: “Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro?” Ou ainda: “Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem?” (BOSI, 1994, p. 80-1).

Ocorre, então, muitas vezes, uma resposta defensiva do ser humano: recusa-se a identificar-se como velho, uma vez que o medo da velhice está associado à decadência física, à doença, à dependência, à improdutividade, bem como à proximidade da morte. A velhice, assim como a morte, não habita no inconsciente do ser humano, mas são estranhos e sempre pertencentes ao outro (PY, 2004, p.116).

Destaca-se, da mesma forma, a contribuição que Debert faz sobre as diferentes velhices na sociedade contemporânea:

A velhice nas sociedades contemporâneas é uma experiência heterogênea. As diferenças de classe, etnias e gênero dão ao envelhecimento uma dimensão tão especial que dificilmente se poderia pensar na velhice como um momento em que as distinções que marcam as experiências individuais e coletivas em outras faixas etárias seriam apagadas. (DEBERT, 1992, p. 15)

Na sociedade contemporânea e de cultura ocidental, muitas vezes, aqueles considerados outros, são destituídos de direitos individuais e sociais, devido a suas diferenças. São considerados marginais – velhos, adolescentes - aos quais não damos direito à fala e com os quais não queremos aprender. “Um porque já não é mais – adulto, capaz, produtivo – outro, porque ainda não é – adulto, capaz, produtivo...” (GUSMÃO, 2003, p. 23).

No momento em que se faz menção ao grupo de idade, necessariamente implica em adequação a uma norma e, portanto, procurando não fugir aos modelos sociais instituídos. Nesse sentido, Magro (2003, p. 35) explica que:

Pertencemos a um grupo etário, somos marcados socialmente, e isso delimita as nossas possibilidades de expressão e de sociabilidade. Na cultura ocidental contemporânea, pode-se dizer que quando crianças devemos brincar, quando adolescentes devemos experimentar, quando adultos trabalhar e produzir, e quando velhos devemos nos aposentar.

Com o intuito de não estar presos a uma idade ou a um grupo etário, vislumbram-se os atos transgressivos que se traduzem como uma possibilidade de entrar em contato com o diferente, o estranho.

Quando se oportuniza, no contexto familiar, bem como em outros espaços de convívio entre gerações, o confronto das idéias, o diálogo, existe a possibilidade do reconhecimento. No momento em que se provoca o adolescente em relação ao idoso, o benefício desse reconhecimento pode ser extremamente positivo para o outro. Ora, esse idoso passa a perceber que ele existe, que ele está sendo ouvido, que sua vida tem importância para a vida de outras pessoas cronologicamente diferentes.

3 O contato intergeracional: uma possibilidade de co-educação?

Considerando uma concepção ‘genealógica’, o termo geração toma o sentido de filiação, ou mais exatamente de grau de filiação (primeira, segunda, terceira geração...) a partir de um indivíduo tomado como origem. Designa um conjunto de pessoas que nasceram

mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural.

Em se tratando das gerações no âmbito familiar, a priori, a relação entre as gerações é evidente, já que a existência da família implica no convívio entre as diferentes faixas etárias. Convém frisar que cada um carrega em si o seu tempo com uma visão de mundo própria, tornando essa relação possível, o que, no entanto, deve ser analisado a partir dessa ótica para compreender o quanto ela se dá e como se processa.

Assim, vale se reportar à noção de co-educação, enquanto uma possibilidade de troca intergeracional, ou seja, o que efetivamente uma geração pode ensinar à outra. Conforme Ferrigno (2003, p. 176): “É possível se falar em co-educação entre iguais, por exemplo, dentro de um grupo de adolescentes ou de idosos (...) A co-educação pode se dar entre diferentes como a que se dá entre as gerações”.

Como, numa época em que o conhecimento se transforma dentro da mesma geração, o avô poderá ensinar para o seu neto? Visto que se está diante de um fenômeno novo na história da humanidade: pela primeira vez, geralmente os filhos têm mais conhecimento do que os pais e os avós. Toda a tecnologia contemporânea, a produtividade, os valores dominantes estão associados à juventude. Os velhos possuem outro tipo de conhecimento.

Isso enfatiza Medeiros (2004, p. 188): “Os netos sabem mais do que os avós. Nas famílias, o lugar dos mais velhos, que sabiam mais “das coisas da vida”, foi sendo ocupado pelos mais jovens, que dominam o manejo de aparelhos e computadores com extrema destreza”.

Na atualidade, fala-se muito na transitoriedade dos discursos provisórios, na multiplicidade de informações, na efemeridade humana e há uma finitude quase absoluta. A sociedade vai descartando tudo e sugere que tudo é redundante. Aprende-se que nada mais é consistente, válido. “Uma das características do estilo de vida atual é a velocidade dos eventos e a fragilidade dos relacionamentos. Vive-se correndo, há uma sensação permanente de transitoriedade” (MEDEIROS, 2004, p.187).

Portanto, para que as transmissões educativas e os valores se perpetuem de uma geração à outra, como também o legado cultural não se perca, é fundamental que ocorram possibilidades de abertura e de interlocução entre as gerações.

4 Apresentando a metodologia

Essa pesquisa orientou-se no método hermenêutico ou interpretativo, baseado na análise da linguagem do sujeito, numa tentativa de buscar o sentido de seu discurso.

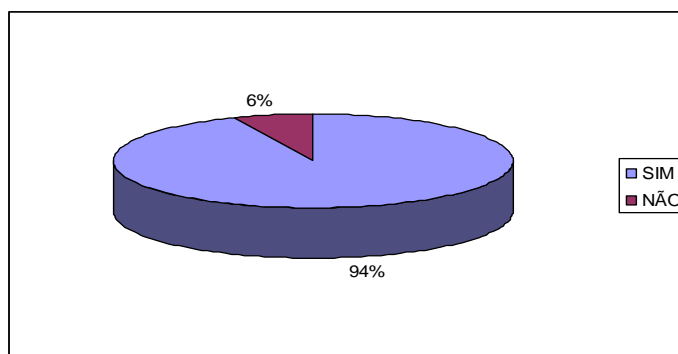
O espaço educativo onde se sucedeu a coleta de dados trata-se de uma escola da rede pública estadual, situada no município de São Leopoldo-RS. Tal situação decorreu da condição da pesquisadora enquanto professora do 1º Ano do Ensino Médio. Desta forma, era possível acompanhar os estudantes por mais tempo, visto que esses dariam continuidade aos seus estudos e poderiam contribuir com posteriores instrumentos investigativos.

O critério usado para a escolha dos sujeitos da pesquisa consistia na participação voluntária dos estudantes na pesquisa e o vínculo de amizade para com a pesquisadora, bem como o fato de seus avós residirem no município de São Leopoldo.

Assim, a coleta de dados foi dividida em quatro momentos distintos:

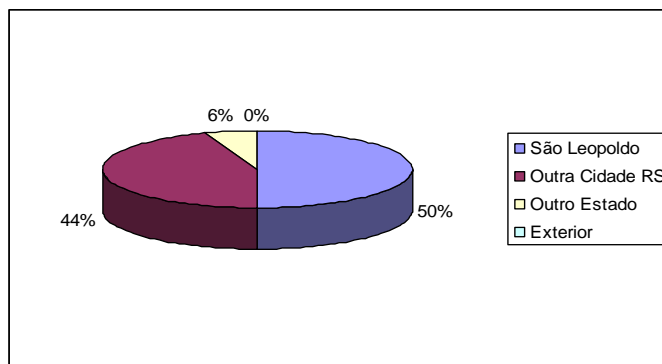
a) aplicação do questionário para 47 estudantes. Esse procedimento tinha o intuito de atestar quantos jovens tinham contato com seus avós. Em outras palavras, desejou-se verificar a existência de sujeitos potenciais, para mostrar se era viável efetivar essa pesquisa. Conforme o Gráfico 1 evidenciou-se que dentre os 47 sujeitos que responderam o questionário, apenas 3 (6%) não possuíam contato com seus avós.

Gráfico 1 – Relação entre gerações



Além disso, entendia-se como fator fundamental que os participantes (netos e avós) teriam maior possibilidade de relação, caso tivessem uma proximidade geográfica entre si. Neste intuito, investigou-se a localização da residência dos avós, conforme observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Residência dos avós



Constata-se que 50% dos avós dos estudantes entrevistados residem no município de São Leopoldo, fato que favorece um contato diário ou semanal com os netos. Os demais estudantes, como apresentam possibilidade somente de contatos eventuais, não são de interesse desse estudo.

Assim, dos 23 estudantes com condições iniciais propícias para a investigação, os pesquisadores optaram por oito dentre eles que apresentaram real aptidão (interesse, não desistência, não mudança de endereço) para o desenvolvimento do estudo.

- b) projeto piloto: três estudantes registraram os contatos diários e semanais com seus avós durante um mês. Pretendeu-se com isso, obter orientações sobre a viabilidade da concretização dos objetivos desse estudo, bem como para coletar informações que pudessem servir de indicativo para formulação dos procedimentos futuros da investigação;
- c) registro dos diários: após a confirmação da viabilidade da pesquisa, estendeu-se o número de netos participantes da pesquisa, objetivando maior coleta de informações. Como a pesquisa não teve pretensão de representatividade estatística, oportunizou-se a participação de até oito jovens que registraram seus contatos diários ou semanais com seus avós por um período de dois meses;
- d) entrevista semi-estruturada com os avós: como esse trabalho avaliou o processo co-educativo entre as gerações, não se dispensou a importância da análise de quanto os netos contribuíram na formação dos avós. Teve o objetivo específico de analisar se ou como os avós estavam sendo educados pelos netos.

5 Apresentando os resultados: o olhar do neto e do avô

Em relação à caracterização dos sujeitos da pesquisa, convém esclarecer que se tratam de oito estudantes com idades entre 15 e 18 anos. Todos eles fazem parte de famílias de condições sócio-econômicas modestas e residentes na periferia do município de São Leopoldo. Esses jovens residem com os pais, com a exceção de dois, que foram criados pelas avós quando pequenos, já que a mãe exercia atividade profissional fora de casa. Os demais ficaram sob os cuidados maternos no período infantil.

No que diz respeito aos avós, esses constam com idades entre 62 e 78 anos e possuem residência própria, próxima à casa dos netos. Essa realidade tem sido um elemento facilitador de um convívio mais frequente entre os componentes da família.

Considerando que as conversas com os avós sucederam-se nas residências dos mesmos, houve, anterior a isso, um contato telefônico com intuito de agendar o local, data e horário das posteriores entrevistas. Naquelas conversas, os avós mostraram-se extremamente receptivos, visto que muitos deles estavam cientes do andamento da pesquisa, ao passo que, também a oportunidade de falar sobre seus netos tinha um caráter muito significativo para os mesmos.

Da mesma forma, a recepção dos avós em suas residências foi muito aconchegante e prazeroso. Esses, enquanto anfitriões muito atenciosos, faziam questão de mostrar suas casas, fotos da família ou outras atividades significativas para a vida desses sujeitos.

Convém evidenciar ainda que foram oito idosas e quatro idosos que participaram das entrevistas, sendo que todos são pessoas ativas e com nível de escolaridade baixa. Constam de famílias extensas e muito religiosas, ao mesmo tempo em que procedem de etnias diversas: italiano, português e indígena.

A análise dos depoimentos destes dois grupos etários firmou essas constatações e lançaram luzes para novas descobertas sobre a possibilidade de co-educação intergeracional, tema nuclear deste trabalho. Para tanto, seguem algumas categorias analíticas criadas a partir de elementos que se salientaram na perspectiva do avô e do neto sobre a relação entre essas duas gerações.

A - Convívio em Família

A casa dos avós é o ponto de encontro familiar e o espaço mediador do diálogo, este de fundamental importância, pois que possibilita a troca educacional entre as gerações. De

acordo com a perspectiva dos sujeitos da pesquisa, a convivência familiar ocorre na “hora das refeições” e traduz-se como um momento significativo e prazeroso.

“Hoje, ao meio dia fui almoçar com meus avós e com a família. Com meus tios e meus pais. Minha avó como uma boa cozinheira, preparou tudo com o maior capricho. Adoro os almoços em domingo, a família toda reunida, me sinto feliz por ter todos por perto”.(Relato de uma neta).

No discurso da neta, almoçar com a família reunida representa uma situação de caráter valorativo, que descontrai e abre espaço para uma maior interação. Para a jovem, desfrutar da companhia dos familiares implica numa atividade prazerosa, pois que, culturalmente, o ato de comer denota um evento que oportuniza a confraternização, a reunião e a interação entre as pessoas.

Os netos, ao descreverem os avós como pessoas com qualidades no modo de viver, nas habilidades com as artes culinárias ou ainda na capacidade de manter as relações familiares acesas e unidas, sugerem a potencialidade da perpetuação desses valores.

“(…) Família, eu acho que é tudo. Na minha família, graças a Deus, sempre existiu e existe muita união. Quando eu tinha meu marido, era a união da família, fazer domingo um churrasco, fazia tortas, fazia doces, tudo era coisa boa” (Relato de uma avó).

Da mesma forma, no discurso dos avós a convivência familiar emerge como um aspecto valorativo e digno de ser cultivado.

B - Cuidados e Reciprocidade

O ato de cuidar somente surge, quando uma pessoa tem importância para a outra pessoa. Cuidar de alguém implica em zelar, dar atenção, tratar bem, assim como a atitude de cuidado pode provocar sentido de responsabilidade.

Os netos, em seus relatos diários, demonstram carinho e preocupação para em relação aos seus avós. Em muitos casos, eles manifestam esses sentimentos através de atitudes cuidadosas e zelosas para com seus antecessores.

“Passei pela casa de meus avós e chegando lá, vi minha vó deitada sobre a cama, reclamando de dores pelo corpo. Fico super preocupada com ela pq aparentemente ela sofre de osteoporose. Ajudei no que precisava. Me sinto na obrigação de ajudá-los por que boa parte da minha vida, foi com eles que eu morei” (Relato do neto).

“Quando precisa de alguma coisa eu ajudo. Então eu dou dinheiro para comprar as passagens. Eu ajudo, no que eu puder eu ajudo. Eu to sempre perguntando; meu filho não ta precisando de nada. Se eu pedir, ele vem coitadinho. Arrumou meu chuveiro.assim no que precisar, se eu pedir ele vêm.” (Relato da Avó).

Os laços familiares são mediados pelo afeto e esse elo desenrola atitudes de cooperação e cuidado por parte de avó e neto, evidenciando uma reciprocidade entre as gerações. Essa convivência entre grupos etários diferentes oportuniza a inversão de papéis sociais. Trata-se das duas forças que regem a lei da vida: o dar e o receber. Pois que, os avós já cumpriram seu papel de provedor, de cuidador, e, nesse momento de suas vidas, carecem de retribuição de carinho, cuidado e atenção.

C - Transmissões Educacionais Verbalizadas

As transmissões educacionais não são de fato, na aprendizagem, uma categoria isolada, pois que elas perpassam o processo educativo entre as gerações como um todo. Todavia, as narrativas do jovem, apontam para transmissões verbalizadas com objetivo específico, o da formação religiosa.

“Parabenizei minha vó devido ao Dia das Mães e relembramos coisas de quando éramos pequenos, também falamos sobre o valor que a mãe tem num matrimônio e seus deveres segundo a lei de Deus. [ensina a criança no caminho que debes andar, para que quando cresça não se desvie deste caminho]” (Relato do Neto).

É possível identificar nesses relatos a preocupação dos avós em transmitir valores religiosos, e reforçá-los constantemente para conservar e reproduzir aquilo que para eles, pode-se supor é um valor bastante significativo.

Também em outros depoimentos percebe-se a pretensão dos idosos em garantir uma ligação, uma transmissão entre a geração predecessora e sua sucessora, inscrevendo-se dentro de uma duração maior que a sua própria.

“Vai filho, faz teu futuro, nem que sofra um pouquinho. Porque sempre teve vontade de ter seu dinheirinho néh. Daí porque sem estudo não se consegue nada (...)” (Relato da Avó).

Na narrativa da avó está implícita uma necessidade da sociedade contemporânea – o conhecimento e a formação constante. Ela orienta seu neto em relação a essa exigência da sociedade educativa: persistir nos estudos, se dedicar ao trabalho e desenvolver sua

independência, ou seja, nas palavras dela “fazer seu próprio futuro”. Para tanto, ela esclarece que esse processo requer certo sacrifício, esforço e determinação da parte do jovem, mas acena para um futuro satisfatório.

D - Afetividade

O respeito, o afeto e a demonstração de carinho estão presentes na relação intergeracional, conforme o discurso dos netos e avós. A afetividade é o sustentáculo da relação e da troca entre a geração mais velha e a geração nova, facilitando o estabelecimento de interações profundas e verdadeiras.

“Minha vó é uma pessoa que está sempre presente na minha vida. Eu a amo demais. Hoje, quando fui na casa da amiga da minha mãe, dei uma passada na casa deles, só pra dar um beijo, não conversamos, apenas um oi” (Relato do Neto).

Nessa realidade pesquisada, é na troca da afetividade e mediante uma linguagem simples que se aproximam esses sujeitos, possibilitando a perpetuação de uma aprendizagem recíproca.

Na narrativa do neto, o fato de dar um beijo e a expressão de carinho, traduz uma faceta da cultura brasileira. Pois que é uma característica da identidade nacional a expressão de emoções mediante gestos, como o abraço, o beijo. Dessa forma, a afetividade e o carinho do neto para com a avó e são elementos que reforçam a transmissão da herança cultural entre as gerações.

“A N. (referindo-se à neta) significa muito pra mim. Amor, carinho, a gente dá e ela também. Adoro ela por isso. É a neta que mais me procura também. Ela está em primeiro lugar. Eu adoro ela, ela é muito querida pra mim. (Relato da Avó)

Nesse relato, a avó retrata a troca de amor e carinho entre as gerações, dizendo que “a gente dá e ela também”. Nesse sentido, a troca de experiências e de vínculos afetivos entre avós e netos, dá margem para a interpretação, da possibilidade do reconhecimento do outro como pessoa e suas peculiaridades, como também da quebra de estereótipos por ambas as partes.

E - Companheirismo

Os laços familiares, principalmente entre avós e netos, são mediados pelo afeto que se evidencia como suporte da relação intergeracional. A partir desse é que se desenrolam as atitudes de companheirismo e cooperação.

“Hoje cheguei do colégio, mais cedo e passei na minha vó materna como sempre. Então ela me convidou para ir na UNISINOS com ela, para ela receber sua aposentadoria. Fomos lá ao meio-dia, depois fomos pagar a luz no trem e comemos sorvete. Depois quando voltamos eu fiz pipoca e comemos” (Relato da Neta)

Conforme o registro da neta, a atividade compartilhada entre a geração velha e a nova consiste no cumprimento de tarefas simples e diárias, como fazer compras, pagar contas e receber os proventos.

Também, merece destaque que a avó e neta fazem outras atividades juntas; elas comem sorvete e pipoca. Nesse caso, a cumplicidade e o companheirismo são evidenciados mediante a realização de atividades divertidas, prazerosas. Pois que o ato de comer sorvete e comer pipoca lembra alegria e diversão, ou seja, o momento é festivo.

Da mesma forma, nos depoimentos dos avós ao serem abordados sobre atividades em conjunto com os seus netos, destacaram a incidência de diversas situações, tais como passeios, jogos, preparo de refeições e diálogos. Pode-se depreender que esse companheirismo entre as gerações traduzido nas tarefas simples do dia-a-dia representa momentos significativos.

“A gente fica juntas, faz comida juntas. A gente conversa. A gente, às vezes ela quer fazer alguma coisa que ela não sabe fazer, ela vem pra mim ajudar ela. Ela está assim junto com a gente” (Relato da Avó).

Nessa narrativa, a atividade compartilhada tem relação com o cotidiano da vida da avó. Quer dizer, ela se ocupa com os afazeres domésticos e a neta lhe faz companhia; ao passo que a idosa tem o papel de repassar conhecimentos e ajudá-la no que precisa. É o companheirismo mediado pelo contato diário, possibilitando a troca de saberes entre as gerações.

F – Relacionamento entre gerações

De acordo com a perspectiva dos netos, na relação intergeracional evidenciam-se alguns conflitos. São exemplos de intolerância, falta de paciência, atitudes raivosas, incompreensão e ironia. A divergência entre as gerações mais novas em relação as mais

velhas está no fato dos jovens desconhecerem ou não tolerarem algumas limitações decorrentes do processo do envelhecimento.

“Hoje cheguei da aula, e como sempre fui bem recebido pela minha vó. Sempre almoço com ela, passo o dia todo lá, mas ela já havia comido. Ela se preocupa muito comigo e por isso acabo, às vezes perdendo a paciência” (Relato do Neto).

Nesse registro, o jovem (no caso com 18 anos de idade) encontra-se no paradigma da separação, quando o adolescente procura “desvalorizar” seus pais (ou substitutos) e constituir sua nova identidade. Isso porque, conforme relatos do neto, na sua infância a avó assumira a função materna, uma vez que sua mãe trabalhava todo o período.

Na perspectiva dos avós, o relacionamento com o neto é mediado pelo diálogo sobre os diversos temas, tais como: a vida escolar do neto, os relacionamentos afetivos do neto, o cotidiano e o trabalho do neto. Nesse meio pesquisado, não consta a evidência de conflitos, pois que, conforme os idosos o relacionamento com seus netos é positivo e satisfatório.

Eu gosto de contar certas coisas da minha história, ele presta muita atenção. A minha nora deixou com que eu aconselhasse ele, se eu achava que ele estava desenvolvendo mesmo. Sempre deu muito certo, sempre foi muito obediente pra mim. (...) “Ele é muito educado comigo. Ele não me contraria, escuta meus conselhos, me leva a sério mesmo. Ele nunca, os outros netos me respondem. (...) Então como eu disse: o nosso relacionamento é muito bom, não tem atrito, ele me ouve. É baseado no diálogo” (Relato da Avó).

Nesse relato, a avó chama a atenção para um aspecto da relação intergeracional: a avosidade. “A avosidade é uma função intimamente ligada à função materna ou paterna das quais se diferencia, mas que, como aquelas, tem um papel determinante na estruturação psíquica do sujeito” (GOLDFARB; COSTA LOPES, 2006, p. 1378).

Ser avó pode ser entendido na relação do imaginário de “ser mãe duas vezes”. Ela demonstra seu papel, ora exercendo a função materna, ora a função mediadora, no momento em que existem conflitos com a geração do meio. As avós procuram afirmar-se como mediadoras nas relações entre os pais e filhos, pois acreditando-se mãe dos netos, elas têm o direito de opinar em favor de seus filhos, isto é, de seus netos.

Nesse sentido, a função de avó requer uma elaboração do questionamento do próprio papel como filha e como mãe, na tentativa de não repetir os erros e de compensar as faltas.

G – Aprendizado a partir do Convívio Intergeracional

De acordo com os registros dos netos, depreende-se que mediante o convívio diário com seus avós ocorre o aprendizado sobre as perdas. Trata-se dos diversos tipos de perdas que fazem parte da existência do ser humano. São as perdas óbvias, como a morte de um ente querido; as perdas não tão óbvias, como a perda da saúde, bem como as perdas relacionadas com a idade, isto é, as perdas físicas e afetivas, características do ciclo vital do ser humano. Os velhos, em sua maioria acima dos 70 anos, ensinam aos jovens a viver para o inevitável, além de instruí-los acerca do amadurecimento emocional.

Isso emerge em algumas narrativas, como quando o neto se depara com seu avô hospitalizado e precisar “lidar” com questões típicas do envelhecimento: perdas cognitivas, doenças, morte...

“Na quarta foi só uma passada que eu dei na casa da minha vó. O meu avô estava doente, no hospital, e teve muito assunto, para falar (...), deu uma isquemia nele. Ele já não mais caminha, e minha vó já está triste, angustiada, e eu ia lá ajudá-la, mas eu já muito triste fui embora” (Relato do Neto). Ou ainda, conforme outro relato: *“Acho que vou sofrer muito quando ele se for, vai ser como tirar um pedaço de mim”* (Relato da Neta).

A reação dos netos mediante essas perdas é de preocupação, tristeza, angústia, mas acima de tudo, dor e medo, conforme a situação descrita acima. Os avós, nesse sentido podem transmitir aos netos um importante aprendizado; como se comportar, como reagir ou como enfrentar e aceitar as perdas que perpassam a nossa existência.

Assim, no discurso dos netos emerge a preciosa contribuição dos idosos no que tange a sua capacidade em lidar com as perdas características do processo do envelhecimento, assim como, com a grande travessia – a morte.

Da mesma forma, os idosos ao serem indagados, no momento da entrevista, quanto à possibilidade de terem aprendido ou ensinado algo aos netos, ou então se havia ocorrido uma mudança comportamental a partir do convívio com os adolescentes, a resposta destes foi positiva.

“Mudou muito. Porque eu era muito ruim, braba. Sabe, eu exigia das pessoas aquilo que eu queria. Aí, as minhas filhas sofreram muito. Às vezes eu falo pra elas que elas sofreram muito, porque se não fosse como eu queria, elas apanhavam e aí eu falo pra elas, a tua mãe é boazinha. Ela conversa com você.” (Relato da Avó)

No exemplo, pode-se supor que avó mudou seu comportamento, porque ela era bastante rude, braba, rígida com as pessoas. No entanto, a jovem com suas vivências

individuais educou a avó em relação à maneira de conduzir a vida e as relações interpessoais ou intrafamiliares, tendo mais flexibilidade, mais liberdade.

Ao mesmo tempo, a avó enfatiza que a geração intermediária vem apresentando alterações na forma de educar os filhos, ou seja, o diálogo é mais freqüente, atualmente existe uma crescente abertura nas relações familiares.

“Aprendi muitas coisas. Eu não sei quase nada ler nem escrever, nem nada. Ele soma os pedidos da Avon pra mim. Uma ou outra coisa. Enfim ele sabe, eu aprendi bastante, e como! Maneira de ser mais liberal. Aprendi. Oxalá, se aprendi. Eu ensinei a ter bons costumes. De um modo geral. Assim néh. E eu a ter mais liberdade.(...) A gente aprendeu bastante” (Relato da Avó).

No discurso acima, a avó justifica a relação intergeracional como uma possibilidade de troca de saberes, ou seja, de um processo co-educativo. O mais velho ensina ao neto os bons costumes, enquanto que a outra parte aprendeu a ser mais liberal, a fazer gozação. Enfim, ela fala que “a gente aprendeu bastante”.

A partir do olhar de uma geração em relação à outra, no caso a adolescência e a velhice, enquanto netos e avós no âmbito familiar, acredita-se que essa pesquisa reforça o pensamento de Paulo Freire (1983) “(...) não há seres educados e não educados. Estamos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”.

6 Considerações finais

Entender como se constitui o contato intergeracional, mediado pelas relações familiares, acreditamos ter uma conotação de extrema importância, já que atualmente é cada vez maior o número de gerações coexistindo. Em muitos arranjos familiares, os idosos estão co-residindo com gerações mais jovens. Tal cenário reflete as múltiplas alterações na estrutura e na forma das relações intrafamiliares ocorridas nas últimas décadas.

Da mesma forma, essa reflexão oportuniza a ampliação da compreensão de cada grupo etário em relação ao outro, ou seja, o diferente nem sempre é ameaçador, mas pode ser enriquecedor e benéfico para ambas as partes.

De uma parte os netos mostraram-se protagonistas de um processo de co-educação, porque estando abertos para a interação com os avós, desenvolveram uma maior compreensão

dos seus valores e dos valores das pessoas mais velhas. Essa é a primeira condição, mostrar abertura para o diálogo, para o confronto ou a conciliação de idéias.

Ainda como condição para o encontro intergeracional, destaca-se a biografia dos netos e dos avós na etapa da vida em que eles se encontram. O momento de suas vidas propicia o encontro entre esses dois grupos etários, pois que os netos estão na fase escolar e os avós, em sua maioria, são ativos. Outro aspecto importante para que haja uma troca de afeto e de conhecimentos entre as gerações mais jovens e as mais velhas, é a coexistência ou um convívio constante. Dessa forma, o contato diário ou semanal é condição para florescer e cristalizar-se a reciprocidade entre as gerações.

Nesse processo de co-educação, depreendemos que dentre algumas das contribuições da geração mais nova aos mais velhos é a transmissão dos valores e conhecimentos do mundo atual. Outro exemplo manifestado pelos avós enquanto contribuição do neto para sua mudança pensa-se que está na maneira de se relacionarem com as pessoas e com os familiares. No discurso das avós foi possível perceber que elas aprenderam a serem menos rígidas, mais flexíveis, a terem mais paciência e serem mais amorosas; traduzindo-se, dessa forma, como uma nova atitude frente às relações familiares, humanas; enfim, frente ao mundo.

Dentre algumas das contribuições dos mais velhos aos mais jovens atestamos a educação para o envelhecimento. Nas narrativas dos netos aparece o velho como modelo a ser seguido. Os avós mostram aos netos, através de suas experiências e relatos como lidar com a velhice, e as diferentes formas de envelhecer. É possível identificar no grupo estudado, uma heterogeneidade em relação aos modos de vivenciar a velhice.

Ainda como aprendizado da geração mais velha a geração nova, destacamos a transmissão dos valores éticos e costumes que formam nossas raízes. Assim, a co-educação mostra-se como fator positivo contra o preconceito etário. Também desestabiliza o estereótipo do velho como aquele que é depositário da experiência da cultura coletiva, mas que não tem nada para dizer, visto que seus conhecimentos são tidos como ultrapassados.

Constatamos que a ligação entre os jovens e os mais velhos, baseia-se em uma relação de troca entre dar e receber. O equilíbrio entre a geração mais velha, a intermediária e a mais jovem parece estar fundamentada nos seguintes fatores: morar próximo ao filho e a nora e receber cuidado e atenção; auxiliar na criação e no cuidado dos netos; prestigiar os filhos e netos com as “delícias culinárias” nos almoços dominicais; compartilhar da companhia dos

netos em eventos sociais e atividades domésticas e, acima de tudo a troca de afeto e carinho. Todas essas evidências atestam para uma reciprocidade, ou seja, para o cuidado e a ajuda mútua entre as gerações no âmbito familiar.

Acreditamos que a contribuição desse estudo empírico venha de encontro com a perspectiva da educação gerontológica, pois que possibilita compreender os avós (velhos) não como pessoas acabadas, mas como sujeitos capazes; portanto, com vivências e opiniões individuais e com muito a ensinar. Oportunizamos, assim, aos idosos, através dos relatos de suas vidas e sua relação com os netos, que os mesmos olhassem com dignidade para “aquilo que foram”, numa tentativa de educá-los para a autovalorização.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução de Maria H. F. Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, 711p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3^a ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1994, 484p.

BURBULES, Nicolas C.; RICE, Susanne. Diálogo entre as diferenças: continuando a conversação. In: TADEU, da Silva Tomaz (Org.). **Teoria Educacional Crítica em Tempos Pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 173-303.

DEBERT, Guita Grin. Desbravando fronteiras e redefinindo padrões. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 264, jul./ago. 1992, p. 13-16.

FERRIGNO, José Carlos. **Co-Educação entre Gerações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, 233p.

FREITAS, Elizabete Viana de. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, Ligia... [et al.] **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004, p.19-38.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 13ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOLDFARB, Delia Catullo, COSTA LOPES, Ruth Gelehrter. Avidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: FREITAS, Elizabete V.; PY, Ligia [et al.] **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A., 2006, 2ed. p. 1374- 1381.

GUSMÃO, Neusa Mendes de (Org.). Infância e Velhice: desafios de multiculturalidade. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de. **Infância e Velhice: pesquisa de idéias**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p.15-32.

HOHENDORFF, Clara Maria Von. A influência da prática desportiva na passagem adolescente. In: COSTA, Ana; BACKES, Carmem; RILHO, Valéria; OLIVEIRA, Luís F. L. (Orgs.) **Adolescência e Experiências de Borda**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p.263-273.

MAGRO, Viviane M. Mendonça de. Espelho em Negativo: a idade do outro e a idade etária. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de. **Infância e Velhice: pesquisa de idéias**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p. 33-46.

MEDEIROS, Suzana A. Rocha. O lugar do velho no contexto familiar. In: PY, Ligia... [et al.] **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004, p.185-200.

OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto alegre: Artes Médicas, 1994, 75p.

PY, Ligia. Envelhecimento e subjetividade. In: PY, Ligia... [et al.] **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004, p.109-136.